

CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS A CARNAVALIZAÇÃO EM JOÃO UBALDO RIBEIRO

Edite Luzia de Almeida Vasconcelos¹

RESUMO: No texto **Construções Identitárias: A Carnavalização em João Ubaldo Ribeiro** propõe-se um percurso para falar sobre a carnavalização na obra do autor de Itaparica-Bahia. Neste trabalho busca-se contribuir para enriquecer as leituras possíveis nas narrativas de Ubaldo, propondo uma perspectiva de interpretação a partir da carnavalização, tendo como fio condutor a análise da problemática da construção da identidade e dos sentidos. Assim, o percurso teórico-analítico traçado permitiu abordar a identidade no escopo da sua diversidade, tomando-a num movimento em progressão. Tal posição teórica estabelece um diálogo da temática vinculada às relações sociohistóricas, rejeitando-a como um corpo homogêneo. Isso permite dizê-la dividida e fragmentada, em concomitância com a divisão existente na sociedade brasileira. Desse modo, este trabalho dialoga com as condições de produção dos discursos de Ubaldo, em diversos textos, a partir da Teoria da Análise do Discurso de orientação francesa. Este trabalho é resultado de pesquisas dos Programas PIBIC IC e PIBITI, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia/IFBA, das bolsistas Flavia Bacellar e Milena Vieira sobre a obra do escritor.

Palavras-Chave: Construções identitárias. Carnavalização. João Ubaldo Ribeiro

IDENTITY CONSTRUCTIONS: THE CARNIVALIZATION IN JOÃO UBALDO RIBEIRO

ABSTRACT: The text **Identity Constructions: The Carnivalization in João Ubaldo Ribeiro** proposes a discussion about the carnivalization in the work of this author from Itaparica, Bahia. In this essay we seek to enrich the possible readings of Ubaldo's narratives, proposing a perspective of interpretation from the carnivalization, as from the analysis of the identity and senses construction. Thus, the followed theoretical-analytical path made it possible to approach the identity in the scope of its diversity, in a progressive movement. Such a theoretical position establishes a dialog about the theme linked to socio-historical relations, rejecting it as a homogeneous body. Because of that we can say the identity is divided and fragmented, as it is the Brazilian society . the theme linked to socio-historical relations, rejecting it as a homogeneous body. Because of that we can say the identity is divided and fragmented, as it is the Brazilian society . Thus , this work discusses the production conditions of Ubaldo's discourses in many texts based in the French Discourse Analysis Theory. This work resulted from researches developed at the programs PIBIC IC and PIBITI from the Federal Institute of Education, Science and Technology / IFBA, by the sthe fellows Flavia Bacellar and Milena Vieira on the work of the writer.

Key-Words: Identity constructions. Carnivalization. João Ubaldo Ribeiro

¹ Doutora em Letras e Linguística, docente do IFBA/SSA. E-mail: editeluzia@ig.com.br.

INTRODUÇÃO

“Fui chegando aqui na Bahia a caminho de Itaparica”

A apresentação do trabalho **Construções Identitárias: A Carnavalização em João Ubaldo Ribeiro** é resultado de pesquisas dos Programas PIBIC IC e PIBITI, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia/IFBA, dos bolsistas Flavia Bacellar e Milena Vieira sobre a obra do escritor, sob a minha orientação. Em tais trabalhos, propõe-se uma discussão das questões da constituição identitária do sujeito e construção dos sentidos.

Neste trabalho, propõe-se um percurso para falar sobre a carnavalização na obra do autor de Itaparica-Bahia João Ubaldo Ribeiro. Busca-se, portanto, contribuir para enriquecer as leituras possíveis nas narrativas de Ubaldo, propondo uma perspectiva de interpretação a partir do conceito de carnavalização, tendo como fio condutor a análise da problemática da construção da identidade e dos sentidos possíveis.

Nas obras de Rabelais, as peripécias dos gigantes Gargântua e de seu filho Pantagruel narram histórias exageradas, com situações que tratam de um mundo divertido, da cultura popular do século XVI, na Europa. Tais narrativas são histórias de “um mundo que parece funcionar ao contrário daquilo que conhecemos normalmente” (FERREIRA, 2004, p. 22). Tais manifestações trazem as brincadeiras, o excesso e a inversão da cultura oficial representada pela Igreja e pelo Estado feudal e da cultura popular, produzindo a ambivalência. Assim, a ambivalência é resultado do destronamento que concebe a quebra das fronteiras, isto é, significa a inversão da cultura oficial e da cultura do povo. Esses elementos vinculados ao conceito de carnavalização associam-se à tradição do riso e ao campo do sério-cômico, observando que, na perspectiva bakhtiniana, é o sério que caminha em direção ao cômico, produzindo o rebaixamento.

Bakhtin esclarece que a principal diferença do riso carnavalesco e o riso satírico da época moderna é que com aquele não se trata de “humor satírico negativo”, mas sim de crescimento. Na Teoria de Bakhtin, os conceitos de rebaixamento e de ambivalência são fundantes do conceito de Carnavalização. Nessa perspectiva, Rabelais coloca em destronamento as imagens canônicas do período, criando as imagens grotescas. Para Bakhtin grotesco é derivado do termo italiano grotta, gruta, cujas pinturas ornamentais descobertas em Roma foram chamadas de *grottesca*. O grotesco, no século XVII, posto em relação com os

cânones clássicos do período, era visto como borrões de monstros nas paredes, o que era uma violação das formas e proporções naturais. O termo vincula-se, portanto, à concepção dada pelo jogo livre das formas que se confundiam e se transformavam entre si, sem limites de fronteiras nítidas.

Da concepção original medieval até os significados modernos percebe-se o deslizamento de sentidos sofrido pelo termo grotesco que produziu o efeito ligado ao feio, ao despadronizado, àquilo que deve ser evitado, ou seja, grotesco deslizou de sentidos vinculados ao positivo para outros relacionados ao negativo.

Courtine (2006), busca construir um conceito de fronteira que signifique ausência de um limite nítido de um sentido a outro, pois entende que o sentido está sempre à deriva, se refazendo, em movimento. Disso importa compreender que se está tratando de uma noção de sujeito cuja identidade está sempre em flutuação, em movimento, visto que se trata de um sujeito fragmentado.

Esse novo modo de se considerar os procedimentos da análise discursiva, alinha-se com a episteme da história que suprimiu a separação entre o sujeito e o objeto, por trabalhar com o duplo aspecto da materialidade da linguagem, pois nessas considerações sobre o linguístico e o histórico, a importância recai no entendimento de que “o sujeito é um lugar de significação historicamente constituído.” (ORLANDI, 1996, p. 37), isto é, sujeito cuja identidade é formada em sua heterogeneidade o que, conseqüentemente, coloca o sentido sempre em construção. Para Courtine (2006):

O fechamento de uma formação discursiva é fundamentalmente instável; ele não consiste de um limite traçado uma vez por todas que separa um interior e um exterior, mas inscreve-se entre diversas formações discursivas como uma fronteira que se desloca em função dos objetivos visados pela luta ideológica. (COURTINE, apud MAINGUENEAU, 2007).

Desse modo, o percurso teórico-analítico traçado permite abordar a identidade no escopo da sua diversidade, tomando-a num movimento em progressão. Tal posição teórica estabelece um diálogo da temática vinculada às relações sociohistóricas, rejeitando-a como um corpo homogêneo. Isso permite dizê-la dividida e fragmentada, em concomitância com a divisão existente na sociedade brasileira.

Nessa perspectiva discursiva, portanto, a interação entre o autor e o leitor instaura o espaço da discursividade, isto é, autor e leitor são confrontados em suas condições de

produção, permitindo entender o texto em seu não fechamento, posto que atrelado a sua sociohistoricidade.

Desse modo, neste trabalho dialoga-se com as condições de produção dos discursos de Ubaldo, em diversos textos seus, a partir das Teorias da Enunciação, de Benveniste e da Análise do Discurso, de Michel Pêcheux.

MATERIAIS E MÉTODOS

O trabalho **Construções Identitárias: A Carnavalização em João Ubaldo Ribeiro** é resultado das leituras para as pesquisas dos Programas PIBIC IC e PIBITI, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia/IFBA, desenvolvidas sob a minha orientação. A metodologia utilizada para as pesquisas dos Programas de Iniciação Científica do IFBA teve como base a seleção de obras de autoria de João Ubaldo Ribeiro, sendo elas fundamentais para o propósito especificado pelo projeto de pesquisa em questão, no que se refere ao levantamento de nomes de lugares, dos topônimos, tanto fictícios quanto históricos identificados nos livros. As obras de João Ubaldo Ribeiro (JUR), então, formam nosso *corpus* de pesquisa.

Assim, livros de Ubaldo foram lidos com o objetivo de realizar a identificação dos elementos toponímicos nas narrativas e realização de digitação dos fragmentos das obras os quais fazem referências ao espaço, adotando-se a seguinte estrutura metodológica, baseadas em análises das bolsistas: 1. comentários sobre a obra, 2. comentários sobre o fragmento extraído e 3. comentários sobre a descrição do lugar.

Para a apresentação deste artigo, foram tomados resultados das pesquisas, entretanto, neste trabalho, o objetivo é realizar uma primeira aproximação para a reflexão teórica do conceito de carnavalização na obra de Ubaldo. Para isso foi considerado o livro de Mikhail Bakhtin “A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais” e nomes de destaque da fortuna crítica do escritor baiano, a exemplo da professora Rita Olivieri-Godet com o livro “Construções Identitárias na obra de *João Ubaldo Ribeiro*” e Zilá Bernd com a obra “João Ubaldo Ribeiro: obra seleta”, de onde foram retirados alguns fragmentos de livros de Ubaldo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em Rabelais, Bakhtin (2010) aponta a construção de um cânone que chama de Grotesco para mencionar a importância da obra de Rabelais no contexto da Idade Média e Renascimento, pondo-o em contradição com a homogeneidade discursiva vigente.

Para Bakhtin, o realismo grotesco ou as imagens grotescas geram, em Rabelais, um vocabulário da praça pública, de caráter oral, que é completamente avesso aos cânones da linguagem culta “e totalmente liberado para as manifestações espontâneas da fala comum” (MACHADO, 1995, p. 185), criando uma atmosfera verbal específica para a literatura grotesca. Na praça pública é onde a palavra popular é liberada das amarras das normas e dos regulamentos impostos pela cultura oficial.

Não é sem propósito que Jorge Amado (2005, p. 22), aproxima João Ubaldo Ribeiro de François Rabelais, referindo-se ao autor de *Itaparica*, quanto a seu livro *Vencecavalos e o Outro Povo*, como “Rabelais Tropical”, comparando-o com o autor da fantástica genealogia pantagruélica.

Um livro fora do comum na literatura brasileira, um dos momentos mais altos de nossa ficção, em todos os tempos. Um terrível retrato do Brasil, um grito, uma intervenção cirúrgica, uma gargalhada, sei lá. Algo de grande e novo, um Rabelais tropical. (AMADO, Jorge, 2005. In.: BERN, Zilá, 2005, p. 22)

De forma que, do que parece ser um tal ‘deboche’, é possível dizer que se observam nas narrativas de Ubaldo o grotesco como valor subversivo, isto é, são textos marcados pela irreverência, pelo excesso, pela abundância, como se pode observar no fragmento abaixo, extraído de *Vencecavalos e o Outro Povo*:

1. Por conseguinte, *vencecavalos*, emergindo eruptivamente das mais graciosas partes de sua mãe, experimentou as asas de sua montaria e partiu por esse mundo de meu Deus afora, para combater a covardia e a flata de hierarquia. (RIBEIRO, João Ubaldo. *Vencecavalos e o outro povo*. In.: BERN, Zilá, 2005, p. 21.

No fragmento abaixo, de *Viva o Povo Brasileiro*, o grotesco surge no ato de comer que implica em destruição orgânica dos elementos a serem comidos.

2. O caboco Capiroba então pegou um porrete que vinha alisando desde que sumira, arroudeou por trás e achatou a cabeça do padre com precisão, logo cortando

um pouco de carne de primeira para churrasquear na brasa. (RIBEIRO, João Ubaldo. Viva o povo brasileiro. In.: BERN, Zilá, 2005, p. 22).

O grotesco é desestruturante das oposições do sério e do cômico, ou seja, articula o sério-cômico, posto que o ato de comer impõe destruição, degradação. Assim, o grotesco é dado pelo elemento canibalista e, ao mesmo tempo, apresentado como função libertadora, quando o bispo sardinha, em missão colonizadora é devorado pelo nativo, em uma encenação carnalizada da antropofagia, conforme pode ser interpretado no fragmento 2, acima. Ao termo grotesco, em Ubaldo, assim como em Rabelais, deve ser restabelecido o seu sentido original vinculado ao de recriar.

No realismo grotesco, portanto, cujo traço marcante é o rebaixamento – do sério ao cômico -, a degradação do sublime tem caráter tão somente topográfico, pois, em seu aspecto cósmico, o ‘alto’ é o céu e o ‘baixo’ é a terra. Em seu aspecto corporal, o alto é representado pela cabeça - o rosto - e o baixo pela genitália - o ventre, a gravidez, o traseiro. Isto significa que rebaixar consiste em aproximar da terra. Assim rebaixar é:

Entrar em comunhão com a terra concebida como um princípio de absorção e, *ao mesmo tempo* de nascimento: quando se degrada, amortalha-se e semeia-se simultaneamente, mata-se e dá-se a vida em seguida, mais e melhor. Degradar significa entrar em comunhão com a vida da parte inferior do corpo, a do ventre e dos órgãos genitais, e portanto com atos como o coito, a concepção, a gravidez, o parto, a absorção de alimentos e a satisfação das necessidades naturais. A degradação cava o túmulo corporal para dar lugar a um *novo* nascimento. E por isso não tem valor somente destrutivo, negativo, mas também um positivo, regenerador: é *ambivalente*, ao mesmo tempo negação e afirmação (BAKHTIN, 2010, p.19).

Para estabelecer seu conceito de carnavalização, Bakhtin utiliza-se de conceitos e noções tais como o de **ambivalência** ao qual se vincula o de rebaixamento. Com a ambivalência, o autor opera os limites do conceito de sua carnavalização, pois desconstrói as oposições postas entre o alto e o baixo, visto que ele atribui relações topográficas para isso: o céu e a terra; a cabeça e o baixo - o ventre, desconstruindo as oposições, o que torna possível o sentido de contradição, visto que, amparado no conceito de ambivalência, destruir equivale a renovar, a regenerar, como os atos de parir uma cria que deixa as entranhas da mãe e de devorar uma comida.

Desse modo, Bakhtin dirá que há manifestação de um fenômeno carnavalizado quando este é dominado pelo rebaixamento, ou seja, quando o sério, o sagrado, o elevado, o oficial, enfim, são destronados “e uma nova ordem é implantada na representação do mundo.

A ótica do riso é o grande motor de deslocamento do campo sério-cômico e a paródia a configuração literária na representação do mundo” (MACHADO, 1995, p. 183). De modo que, o riso carnavalesco ambivalente constrói sua força renovadora na sucessão dos dois pólos da formação do fenômeno criativo: morrer/nascer.

Nesse aspecto, e nas condições de produção do discurso descritas por Bakhtin, o conceito de carnavalização permite afirmar que ocorre a tentativa de articulação de duas formações discursivas antagônicas, quer sejam a formação discursiva oficial (religiosa) e a formação discursiva não religiosa (popular). Uma vez que o conceito de carnavalização está vinculado ao de rebaixamento (destronamento), tal articulação permitiria uma desidentificação da formação discursiva oficial (religiosa) durante o período das festas carnavalescas e uma identificação à formação discursiva popular (não religiosa) para um posterior retorno à formação discursiva inicial, após o fim do período momesco.

De acordo com os fragmentos acima, e sem pretender, neste trabalho, aprofundar a discussão sobre os sentidos das contradições sobre a formação do país, trazidos em muitas obras do autor, sentidos esses construídos, em Ubaldo, pela discussão da problemática da formação da identidade, ao carnavalizar o processo de domínio do Brasil, no período de sua formação, é possível dizer que Ubaldo traz à tona uma resistência ao olhar dos europeus sobre o território onde encontrariam lugar e povos apaziguados, já, aí, indicando a possibilidade de construção de um discurso diferenciado do oficial sobre a formação da identidade do brasileiro, nas condições de produção desse discurso.

3. ... em haver posto fé que aqui encontraríamos riquezas, fortunas, imensas searas, montanhas de ouro e especiarias, felicidade perpétua e paz de espírito, quando o que acontece é este buraco verde-bile fétido, povoado de selvagens repulsivos, lama, ratazanas e febres espantosas, esta terra onde tudo é ameaça e nunca se tem sossego da Natureza ou dos homens. (RIBEIRO, João Ubaldo. Viva o povo brasileiro. In.: OLIVIERI-GODET, 2009, p. 69).

Segundo Bernd (2005), os temas recorrentes na obra de JUR são: o mal; a volta ao centro espiritual (a ilha); a releitura da história pela ótica popular; a valorização dos ‘pequenos episódios, das vidas sem importância’; a tentativa – sempre presente – de reabilitar o mito e os imaginários coletivos e dar voz aos subalternos.

Nesses temas observa-se uma tentativa recorrente de atribuir sentido à voz do subalterno e do povo, que, na transparência da linguagem e em interpretações apressadas pode

aparecer, tão somente, como um elemento estratégico de construção da narrativa. Tal mecanismo, entretanto, para além de procedimento metodológico de escrita, constrói-se como uma estratégia discursiva, pois visa realizar releituras da história por uma ótica diferente daquela oficial.

Nesse aspecto, Ubaldo, produz leituras da identidade, que, no entanto, são feitas pela “sua visão pessoal da nossa história, transcendida pelo poder mítico da literatura” (GOMES, 2005, p. 82). O interessante é que tais releituras permitem desconstruir a ideia de oposição - oficial/popular -, colocando em contradição a homogeneidade do discurso circulante, pautando-o a partir dessa contradição.

CONCLUSÃO

Mesmo sendo este trabalho uma primeira aproximação com o estudo da carnavalização na obra de Ubaldo, atrelando tal conceito ao de condições de produção, da análise do discurso, para leituras da construção da identidade, sem sombras de dúvidas, o que João Ubaldo Ribeiro propõe, de acordo com os fragmentos acima, é um grande questionamento do que está silenciado na relação da língua com a história das condições de produção do discurso do sentido de brasilidade.

As condições de produção de um discurso designam modos de funcionamento da ideologia que determinam os sentidos que um enunciado pode ter de acordo com a posição ocupada pelo sujeito que enuncia. Nesse modo de concretização, a ideologia funciona não só quando interdita determinado sentido ao sujeito, mas também quando o condena a só enunciá-lo de acordo com o que lhe é autorizado. Sob essa ótica, um sentido constitui-se de forma homogeneizada quando uma forma de dizer silencia outros sentidos possíveis.

Nossa tarefa, então, neste artigo, é realizar uma reflexão, como uma primeira aproximação, a partir dos conceitos de Bakhtin, notadamente de carnavalização, na obra do autor de Itaparica, pela ordem do discurso sobre os sentidos possíveis trazidos na obra de Ubaldo. Nesse percurso, os gestos de leitura apreendidos dos fragmentos em análise, neste trabalho, indicam, por um lado a desconstrução da relação de oposição ‘oficial’/‘popular’ e, por outro, outras possibilidades de leitura para a constituição identitária, o que pode significar uma formação discursiva diferenciada daquelas postas em circulação.

REFERÊNCIAS

1. BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Tradução de Yara Frateschi Vieira, 7. ed., São Paulo: Editora Hucitec, 2010.
2. BERN, Zilá. *João Ubaldo Ribeiro: obra seleta*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005, p. 21.
3. COURTINE, Jean-Jaques. *Metamorfoses do discurso político: derivas da fala pública*. Organização, seleção e tradução de Carlos Piovezani Filho e Nilton Milanez. São Carlos – SP: ClaraLuz, 2006.
4. GOMES, João Carlos Teixeira. João Ubaldo e a Saga do talento Triunfante. In.: BERND, Zilá. *João Ubaldo Ribeiro: obra seleta*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005, p. 82.
5. FERREIRA, Felipe. *O livro de ouro do carnaval brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
6. MACHADO, Irene A. *O romance e a voz: a prosaica dialógica de Mikhail Bakhtin*. Rio de Janeiro: Imago Editora; São Paulo: FAPESP, 1995, p. 180-196.
7. MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Tradução Sírio Possenti. Curitiba - PR: Criar, 2007.
8. PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: UNICAMP, 1995.
9. RABELAIS, François. *O Gigante Gargântua*. São Paulo: Clube do Livro, 1961.
10. RIBEIRO, João Ubaldo. Viva o povo brasileiro. In.: BERN, Zilá. *João Ubaldo Ribeiro: obra seleta*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005, p.22.
11. Vencecavalo e o outro povo. In.: BERN, Zilá. *João Ubaldo Ribeiro: obra seleta*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005, p.21.